

Eugênio Bortolon, especial para o JC

Lourenço Cazarré aprendeu cedo a contar histórias de todos os tipos - e nunca mais abandonou o hábito. Hoje, aos 72 anos, soma 51 livros de ficção, mais 12 de não ficção e participações em 28 coletâneas e antologias. São livros de contos, infantojuvenis, romances, novelas, histórias reais. Escreve todos os dias. É um irremediável e incurável homem das letras. Escreve brincando, cria palavras, imita estilos, principalmente Graciliano Ramos e Machado de Assis. Além disso, tem memória prodigiosa, em especial da infância.

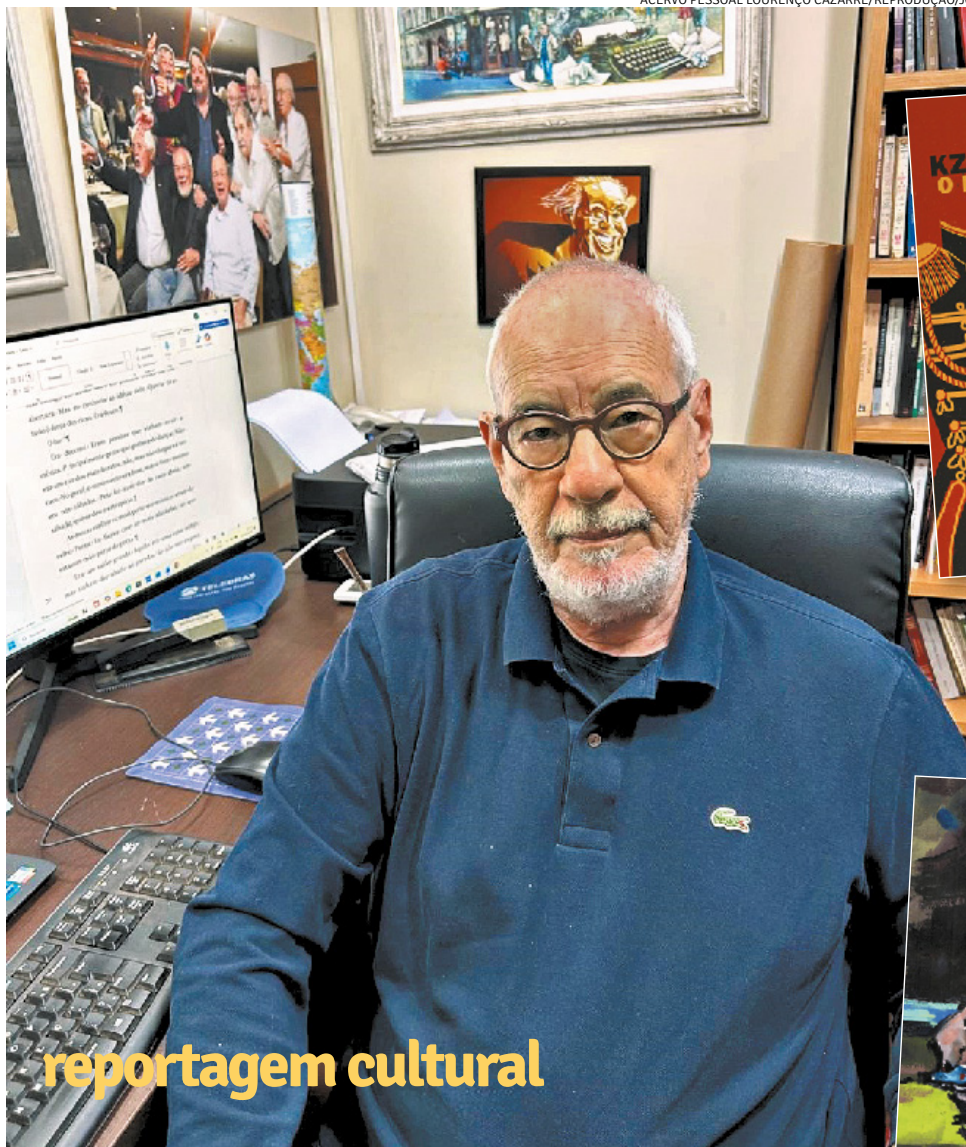
O escritor é um dos mais criativos e produtivos autores de Pelotas, conhecida como a 'Atenas Riograndense' - apelido que reflete a rica história literária, cultural, educacional e arquitetônica da cidade. O nome veio do auge econômico das charqueadas, que a tornou um importante centro intelectual e de refinamento no século XIX, com uma forte presença de elites, artistas e instituições de ensino, comparável à capital grega em importância cultural para o Rio Grande do Sul. Hoje com 340 mil habitantes, a cidade da Zona Sul do Estado é também conhecida como a Princesa do Sul, por sua importância econômica e cultural.

Pois é neste ambiente que nasceu Lourenço Paulo da Silva Cazarré, em 29 de julho de 1953. Ao longo da vida, se transformou em jornalista, teatrólogo, crítico literário e escritor. Na infância ainda, foi morar em Bagé, mas aos dez anos voltou para Pelotas, onde foi morar com os avós paternos. Junto a eles, foi ouvindo histórias, estórias e causos - narrativas que gravou na memória e depois começou a passar para o papel.

Formado em Jornalismo na Faculdade Católica de Pelotas, entrou de cabeça nesse mundo, nas suas escritas, passando por várias redações, mas sempre guardando boas horas do seu dia para escrever livros, principalmente contos e obras infantojuvenis. Foi para Brasília com 24 anos e ainda está morando por lá.

O escritor e jornalista pelotense Ayrton Centeno, com passagem em importantes redações brasileiras e autor de livros políticos como *Os vencedores*, *Dicionário da ditadura*, *O país da suruba*, *A língua de Pelotas* e *Primeira terra*, entre outros, diz que Cazarré é um dos nomes mais expressivos e o mais "prolífico, produtivo e fecundo" da Atenas Riograndense. Estreou em 1981 com *Agosto, sexta-feira, 13*, e os dois últimos foram *Contos pelotenses* e *A Breve memória de Simeão Boa Morte*, lançados em 2025. Por anos guardou numa marmita a história de uma bruxa esquisita nascida no Alegrete até que, junto com seu filho Juliano, decidiu contá-la para as crianças de todo o Brasil - história que virou o livro *A Bruxa e o Poeta*.

Cazarré foi publicado por editoras gaúchas, catarinenses, paranaenses, nordestinas, mexicanas e portuguesas. Ficou conhecido em especial em Portugal, onde ganhou em 2024 o relevante Prêmio Imprensa Nacio-



Lourenço Cazarré, o incurável homem das letras

nal Ferreira de Castro.

Descendente de portugueses de Cinfães que emigraram para o Brasil no final do século XIX, Cazarré aprendeu com o jornalismo a disciplina, que lhe ensinou a manter o rigor e não desviar da busca da verdade factual. Mas foi na literatura que o jornalista encontrou o território da invenção, da experimentação e da reflexão sobre a própria linguagem, dirigindo-se a públicos diversos sem nunca abdicar da exigência literária.

É casado com Maria Luisa, tem três filhos, Juliano, Érico e Marieta, e dez netos. O seu filho Juliano é ator, com trabalhos na Rede Globo, e tem seis filhos. Cazarré trabalha atualmente no jornal eletrônico Página Um, de Portugal. Na página central desta edição, apresentamos os principais trechos da entrevista que Cazarré concedeu ao **Jornal do Comércio**.

Leia mais na página central



crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O Tear e sua criadora

Embora não tivesse sido programado com este sentido, o lançamento do livro *No teatro da história - Maria Helena Lopes*, de autoria de Juliana Wolkmer, acabou ocorrendo pouco depois do falecimento da personagem, a conhecida diretora e professora de teatro, cuja carreira decorreu inteiramente no Departamento de Arte Dramática (DAD) da Ufrgs. A autora também teve formação no DAD e sua primeira aproximação com a obra da diretora foi enquanto aluna da mesma escola.

Organizado sob diferentes perspectivas, uma das quais explora os dados biográficos de Maria Helena, o livro trabalha também, de um lado, as pesquisas da fundadora do grupo Tear e, de outro, a professora que desenvolveu carreira na escola universitária. O que fica evidente, neste levantamento, é que as duas experiências se cruzam e se interalimentam.

Juliana mantém, há tempos, um site em que conta histórias sobre o teatro sul-rio-grandense, em especial, de Porto Alegre. Evidentemente, ela conhece o tema que aborda. Para o livro, ela desenvolveu minuciosa pesquisa, além de ter conseguido algumas entrevistas com a personagem, ainda antes que a doença impedisse por completo tais contatos.

O volume traz ainda uma valiosa iconografia, que vai além de imagens dos diferentes espetáculos dirigidos por Maria Helena, abordando sua vida desde a infância. Como linha mestra de todo o trabalho, Juliana destaca a crença que a diretora expressava de que o teatro era essencialmente uma arte do efêmero e que, por isso mesmo, não pode ser pensado enquanto uma atividade rotineira, ou burocrática, mas que exige uma dedicação plena e livre para quem o pratica. Por isso, Maria Helena sempre valorizou o trabalho coletivo, preferindo criar seus próprios textos/roteiros do que se valer de textos dramáticos preexistentes, com raríssimas exceções.

De *Teatro: variações sobre o tema*, com roteiro original de Luís Artur Nunes, de 1967, a *Solos em cena*, que encerrou a trajetória do grupo Tear (em 2000), foram pouco mais de três décadas de trabalhos que sempre

partiram da improvisação. Mas por mais que tal prática sugerisse a efemeridade do espetáculo de teatro - coisa que as atuais tecnologias de certo modo suprimam -, a diretora acreditou na função essencial e vital da arte dramática.

Sua pedagogia foi a improvisação, mas isso não impedia o rigorismo do trabalho. Todos os depoimentos (de alunos, intérpretes ou integrantes de suas equipes de produção) são unânimes em salientar este aspecto de exigência radical na perspectiva estética e ética, lembrando, quem sabe, a tradição grega de que o bonito se aproximava do bom, e o bom era o que se constituía em belo, isto é, aquilo que tivesse medida de equilíbrio.

A leitura do livro, por outro lado, mesmo para quem, como eu, acompanhei praticamente todo o trabalho de Maria Helena Lopes - e isso fica atestado pelos inúmeros recortes de comentários que fiz a respeito de

seus espetáculos e que são mencionados nas suas páginas - surpreende também por um outro aspecto: o conjunto de artistas (de diversas áreas) que ela mobilizou a sua volta. Além do já mencionado Luís Artur Nunes, se somam nomes como os de Irene Brietzke, Luiz Francisco Fabretti, Luiz

Damasceno, Renato Rosa, Caio Fernando Abreu, Maria Lídia Magliani, Ida Celina, Cecília Niesemblat, Vaniá Brown, Graça Nunes, Maria Luiza Martini, Carlos Carvalho, Suzana Saldanha, Eduardo Cruz, Nara Keiserman, e assim por diante.

O que fica evidente é que o Tear foi, sob a animação de Maria Helena Lopes, mais que um grupo de teatro. Era um centro de sensibilização artística, de exploração estética, um lugar onde as pessoas podiam se encontrar, se expressar e se organizar sensorialmente para refletirem a respeito da condição humana e da condição histórica daquele contexto que então viviam.

Em síntese, a autora conseguiu, nas páginas de sua obra, recriar o élan que o grupo Tear e, sobretudo, sua idealizadora, animadora e diretora, soube desenvolver: tecer relações entre a sensibilidade e a humanidade. Não por acaso, o grupo atravessou fronteiras e ecoou no centro do País.

Maria Helena sempre valorizou o trabalho coletivo, preferindo criar seus próprios textos/roteiros, com raríssimas exceções

acontece

Tocou com Michael Jackson e vai ganhar filme



JOHNNIE WALKER/DIVULGAÇÃO/JC

The groove under the groove, os sons de Paulinho da Costa estreia na Netflix no primeiro semestre

“Um filme quase impossível de ser realizado”. Assim vem sendo definido o documentário *The groove under the groove, os sons de Paulinho da Costa*, que estreia no primeiro semestre de 2026 na Netflix, com direção de Oscar Rodrigues Alves e produção de Alan Terpins. Paulinho da Costa, para quem não sabe, é o percussionista brasileiro que, a partir dos anos 1970, fez carreira nos Estados Unidos - e se tornou um dos mais importantes músicos do mundo.

Os feitos de Costa podem ser elencados de diferentes maneiras: por artistas, faixas ou discos. Todos memoráveis. Quatro exemplos fortes suficientes para justificar a fama dele: participou como músico do single *Endless love* (1981), de Diana Ross & Lionel Richie; do poderoso álbum *Thriller* (1982), de Michael Jackson, sob a batuta do não menos genial Quincy Jones (1933-2024); da faixa *We are the world* (1985), na mágica noite que mudou o pop; e de *La isla bonita* (1986), de Madonna - Costa é o primeiro rosto a aparecer no clipe oficial da faixa, tocando bongô.

Só isso bastaria para que o músico de 77 anos quisesse exibir todas essas “medalhas” no peito. “Primeiramente, não foi nada fácil me convencer a fazer o documentário. Como já disse antes, sou discreto”, afirma Costa. “O Oscar (diretor) insistiu muito para fazermos o documentário”, emenda.

A produção levou dez anos para ficar pronta. As gravações foram realizadas em Los Angeles (EUA); na Bahia, onde Paulinho nunca havia estado antes; e em sua terra natal, Rio de Janeiro. “Sou fã do Paulinho desde 1978, eu era bem moleque quando fiquei louco pelos sons dele”, explica Alves, sobre a persistência.

O diretor tem razão. É fácil se apaixonar pelos álbuns nos quais Costa pôs suas

mágicas mãos. Além dos *hits* incontestáveis, o músico também era chamado para dar “molho” a gravações que remetiam ao Brasil. Ele está na ficha técnica de *Ella abraça Jobim*, álbum que Ella Fitzgerald dedicou inteiramente às canções do compositor brasileiro, em 1981, no qual toca ao lado de grandes nomes da música mundial, como o gaitista belga Toots Thielemans, o guitarrista americano Joe Pass e o violonista brasileiro Oscar Castro Neves.

Em *Brazilian romance*, um dos “discos brasileiros” de Sarah Vaughan, de 1987, Costa tem seu nome creditado na capa como convidado ao lado de George Duke, Tom Scott, Hubert Laws e Ernie Watts. Neste álbum, há versões em inglês para canções como *Nada será como antes* e *Canção do sal*, com arranjos de Dori Caymmi.

Nascido em Irajá, na zona norte do Rio, Costa atuou no Brasil no início de sua carreira, nos anos 1970, antes de ter sua primeira chance internacional, em 1972, com o também brasileiro Sérgio Mendes. Teve contato com os instrumentos de percussão em escolas de samba de sua cidade.

Trabalhou como músico da boate Number One, em Ipanema, onde tocou, por exemplo, com a cantora Maria Alcina. No palco, eles dividiam uma performance em *Me dá, me dá*, sucesso de Carmen Miranda. Alcina também levou Costa para tocar no *Festival Internacional da Canção*, com a qual venceu a fase nacional com *Fio maravilha*. Outra cantora que se apresentava na boate, Alcione, conta que cantou com Costa na banda “inúmeras vezes”.

The groove under the groove, os sons de Paulinho da Costa vai contar essas e outras histórias do músico, que em 13 de maio deste ano ainda vai ganhar sua estrela na Calçada da Fama de Hollywood. O músico será a primeira pessoa nascida no Brasil a ter este espaço.

A coluna de cinema, assinada por Hélio Nascimento, não será publicada nesta semana.

fique ligado

Alexandre Pires leva o pagonejo a Xangri-Lá

O cantor Alexandre Pires desembarca no Litoral Norte gaúcho com o projeto *Pagonejo Bão*, espetáculo que une dois dos gêneros mais populares do País: o sertanejo e o pagode. A apresentação acontece nesta sexta-feira, a partir das 22h, no Maori Sound by JBL, em Xangri-

-Lá, e integra a programação de esquentamento do Carnaval na região.

No show, o artista revisita as modas de viola que marcaram sua formação musical, somadas à batida envolvente do pagode que o consagrou nacional e internacionalmente. Com mais de 35 anos de carreira

e 20 milhões de discos vendidos, Alexandre Pires apresenta um repertório que passeia por grandes sucessos sob uma nova perspectiva sonora, celebrando suas raízes e paixões musicais.

Os ingressos custam a partir de R\$ 130,00 e estão à venda pela plataforma Blueticket.



LEO LIMA/DIVULGAÇÃO/JC

Show mistura sertanejo e pagode, e marca o esquentamento oficial do Carnaval no Litoral Norte

Viagem sonora pela contracultura

O espírito libertário do rock psicodélico toma conta do Grezz (rua Almirante Barroso, 328), neste sábado, às 21h, com o especial *Sixties hippie songs*, apresentado pela banda Yellow Dog. O show propõe uma viagem sonora pelos anos dourados da contracultura, reunindo clássicos que marcaram gerações e atravessaram fronteiras, de The Beatles a Pink Floyd, Led Zeppelin, Supertramp, Neil Young e Crosby, e Stills & Nash.

Com mais de 20 anos de estrada, a Yellow Dog aposta em releituras cheias de identidade, energia e sintonia entre os músicos, reforçadas por um grande elenco de convidados. A apresentação promete clima intenso e envolvente, resgatando a liberdade criativa e o espírito coletivo que definiram o rock do final dos anos 1960 e 1970. Ingressos pelo Sympla, a partir de R\$ 30,00.

Cultura negra no esquentamento de Carnaval

O *Esquentamento Batukbaile* chega como ponto de encontro pré-Carnaval para quem fica em Porto Alegre. Nesta sexta-feira, a partir das 23h, o Cine Theatro Ypiranga (av. Cristóvão Colombo, 772) vira território de celebração da cultura negra com seis horas ininterruptas de música, dança e ocupação da pista.

A noite será conduzida pela mestre de cerimônias Lays Ayaná, ao lado de DJ Pajú, curador artístico do projeto, e DJ Cremosa, nova residente da BatukBaile e destaque da cena negra local. O convidado especial é Crazy Jeff (RJ), que traz na bagagem o funk, os passinhos e a energia do Carnaval carioca. Ingressos a partir de R\$ 35,00 via Shotgun.

O evento ainda conta com lista afirmativa, que garante entradas gratuitas voltadas à diversidade.

Muitas risadas com Gio Lisboa e Helio de La Peña

A programação de fevereiro do Polenta Comedy (rua Marechal Floriano, 1083, Pavilhão 2 - Caxias do Sul) começa com nomes de peso do humor brasileiro.

Nesta sexta-feira, às 20h, Gio Lisboa apresenta o espetáculo *O alquimista*, marcado pela interação com o público e pela mistura de comédia, música e improviso, com participação do DJ Wander e do guitarrista Gabriel Pinho. Já no domingo, às 20h, Helio de La Peña retorna à cidade com o show *Preto de Neve*, que aborda política, identidade e vivências pessoais com humor afiado e crítico.

A agenda do mês inclui ainda atrações locais, noites temáticas e o espetáculo *Vá idosas show*. Os ingressos estão disponíveis via Tri.RS, a partir de R\$ 40,00.

O artista, sem curtidas ou algoritmos

No final de semana, o Galpão Floresta Cultural (rua Conselheiro Travassos, 541), apresenta o espetáculo musical adulto *DDD Saltimbancos - DISCO/nectados, DESCartados, DIZsonantes*, criação autoral contemporânea livremente inspirada em *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque. As apresentações integram o festival *Porto Verão Alegre* e ocorrem no sábado, às 20h, e no domingo, às 18h. Ingressos a partir de R\$ 25,00 no site do Festival.

Com dramaturgia original de Juliana Barros, a montagem investiga a condição do artista em um mundo mediado por mé-

tricas de visibilidade, algoritmos e conexões permanentes. Em cena, quatro artistas esquecidos pelo algoritmo se encontram em um teatro abandonado durante um apagão mundial. Sem telas, curtidas ou aplausos, restam o corpo presente, o som ao vivo e a possibilidade de encontro. A encenação articula teatro e música como eixos centrais, com trilha executada ao vivo que transita pela MPB, soul, pop e rock, além de canções autorais.

Espectáculo musical DDD Saltimbancos tem sessões neste sábado e no domingo



TOM PERES/DIVULGAÇÃO/JC

reportagem cultural

'Eu sou o patrão mais bruto que tive na vi

Eugenio Bortolon*

Laurenço Cazarré fala ao Jornal do Comércio sobre ler (e escrever sobre) os clássicos, hábitos e exigências da escrita, e a busca do lugar ideal, na palavra e na vida.

Jornal do Comércio - Qual o estilo da sua preferência para escrever? Contos, dramas, romances ou poesia?

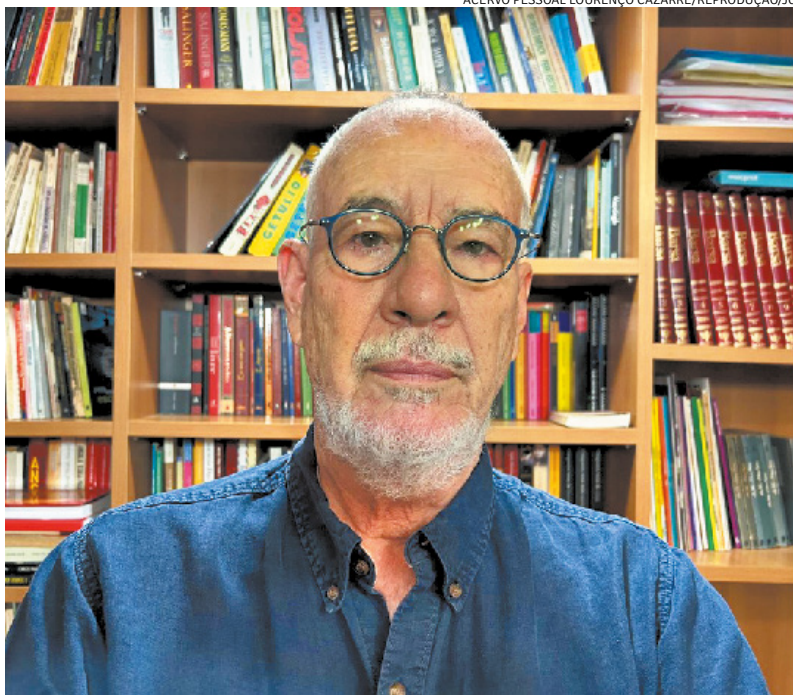
Laurenço Cazarré - Depois de publicar por 45 anos, acho que o terreno que domino melhor é o do conto. Mas tenho algumas novelas juvenis que me deram grande satisfação ao escrevê-las. Romance, a rigor, tenho só *A longa migração do temível tubarão branco*.

JC - Gostas mais de escrever para o público infantil ou adulto, ou isso é indiferente?

Cazarré - Durante uns 30 anos, eu me revezava. Escrevia um juvenil entre obras para adultos. Comecei a escrever livros juvenis em 1985 por convite de um editor gaúcho, Paulo Condini, que trabalhava na editora Atual, em São Paulo. Publiquei mais de 20 livros. Peguei o auge da literatura juvenil, que começa nos anos 1970. Havia uma espécie de mercado cativo para os escritores brasileiros, que eram lidos nas escolas. Vários livros meu tiveram grandes tiragens. Na literatura juvenil eu vivi um profissionalismo que não encontrei na literatura adulta, inclusive por escrever muitos livros de contos, que, quase sempre, têm vendas pequenas.

JC - O crítico e ensaísta gaúcho André Seffrin diz que Laurenço Cazarré, ao contrário de falsear Machado de Assis e Guimarães Rosa, com muito humor e sarcasmo prefere respirar - e tem fôlego de sobra para isso - ao lado de alguns desses monstros. O que achas dessa afirmação?

Cazarré - Sim, nos últimos 20 anos venho escrevendo livros inspirados em obras dos grandes da literatura brasileira. Comecei com o meu conterrâneo Simões Lopes Neto. Tenho muitos contos livremente inspirados em obras dele. Desses contos o meu predileto é *A coisa mais tremenda que eu já vi*. Passei depois ao Euclides da Cunha. Quando li pela primeira vez *Os sertões*, em 1976, decidi escrever um livro de ficção inspirado naquela guerra. Vargas Llosa me roubou a ideia com a *Guerra do fim do mundo*. Passados alguns, li *Veredicto em Canudos*, do Sandor Marái. Escritor húngaro de primeira, Marái leu *Os sertões* em inglês e se apaixonou pela história.



Laurenço Cazarré: "tenho sempre vários trabalhos em andamento"

Seu livro tem uma heroína, uma irlandesa. Ao ler o *Veredicto*, me veio a ideia de escrever uma novela juvenil, que se passa no sertão baiano, nos anos do Conselheiro. Escrevi então *Amor e guerra em Canudos*, que tem como protagonista uma jovem que é disputada por dois rapazes. Os acontecimentos do livro seguem rigorosamente a ordem dos combates. Acho que *Os sertões* é um livro que figuraria em destaque em qualquer literatura, de qualquer língua. Passei depois ao Graciliano. Quando li que ele havia sofrido uma tocaia, quando prefeito de Palmeira dos Índios, mergulhei na obra dele, que eu já conhecia bem. Escrevi então *O soldado amarelo*, cujo título tirei de *Vidas secas*, o livro de ficção que é o meu preferido entre os livros. Por fim, passei ao Machado de Assis. O livro dele que mais aprecio é *O alienista*, que li no começo dos 1970. Conheço muitíssimo bem os contos dele. Invenientei então uma trama: um psiquiatra gaúcho, Simeão Boa Morte (livremente inspirado em Simões Lopes), de Pelotas, escreve um longo texto para denunciar Machado de Assis, que teria roubado dele as histórias



Cada livro é uma aventura diferente. O sujeito pode escrever um livro por dez anos e, ao final, ver que ele não merece ser publicado

que estão em *O alienista*.

JC - Seffrin diz ainda que Breve Memória de Simeão Boa Morte até Machado de Assis gaiatamente assinaria. Que achas deste elogio?

Cazarré - Um exagero nascido de uma longa amizade. Mas a verdade é que no meu *Simeão Boa Morte* tento ser irônico, galhofeiro e brincalhão, exatamente o Machado. Acho que os machadianos vão se divertir muito ao lê-lo. Lembrando: o personagem do Machado é Simão Bacamarte.

JC - Qual o livro que mais te deu prazer de escrever? Não vale o último!

Cazarré - Cada livro é uma aventura diferente. Entra-se por ela e não se sabe como vai sair. O sujeito pode escrever um livro por dez anos para, ao final, descobrir que ele não merece ser publicado. Vou falar de um livro que me deu muitas alegrias: *Enfeitados todos nós*, escrito em 1983, quando morei no Laranjal, praia da Lagoa dos Patos, em Pelotas. Financiado pelo Prêmio que ganhei na I Bienal Nelté, em 1982, passei um semestre a escrevê-lo. Recebi o segundo prêmio na II Bienal, atrás do Schlee, meu professor e amigo. Acho que alguns dos meus melhores contos estão ali.

JC - A longa migração do temível tubarão branco e O soldado Amarelo são, na opinião de muita gente, teus amigos jornalistas e críticos, dois dos teus melhores livros. Concordas?

Cazarré - Generosidade deles. O que posso dizer do *Tubarão* é que levei vários anos para escrevê-lo. Conta a história de um jornalista, fanático pela profissão, que sofre um enfarte. É um jornalista, digamos, acanhado, que vai

parar numa clínica onde encontra um médico que lhe fica a dever nada em cretinice. *O soldado amarelo* é um policial, também apaixonado pela sua profissão. Eu dei a ele uma linguagem ensaboada, como a dos políticos, que o personagem conheceu e dominou ao servir como vigilante das galerias de uma assembleia estadual do Nordeste. Gosto de dizer que é um livro sobre a língua brasileira.

JC - Quais os grandes escritores que você mais aprecia?

Cazarré - Mário Quintana dizia que a gente precisa ler até os 40 anos e que, depois disso, só se deve reler os melhores autores. Sigo o exemplo dele, mas só releio, sem parar, os grandes autores que conheci até os 50 anos. Abro duas exceções para anos mais recentes; Sandor Marái e o ucraniano de língua alemã Joseph Roth. Vou alinhar aqui os meus autores prediletos: Borges (espanhol), Lampedusa (italiano), Mérimée (francês), Herman Melville (inglês), Thomas Mann (alemão) e depois uma quadrilha de russos geniais: Gógol, Tolstói, Tchekov e Nabokov.

JC - Fale do roteiro cinematográfico que você escreveu sobre a vida de Simões Lopes Neto.

Cazarré - Na pandemia, fechado em casa, recebi um convite de um filho meu que é formado em jornalismo e cinema na UnB (Universidade Nacional de Brasília), o Érico, para escrevermos um roteiro sobre a vida - e não a obra - do Simões Lopes Neto. Mergulhei então nas três biografias do Simões (Sica Diniz, Carlos Reverbel e Ivette Massot). Nós nos concentramos na vida dele, riquíssima de eventos e de aventuras. E de muitos fracassos. Simões meteu-se em dezenas de atividades jornalísticas, culturais e empresariais. Publicamos o roteiro em site, o Pelotas 13 Horas, e ele lá está à espera de um cineasta.

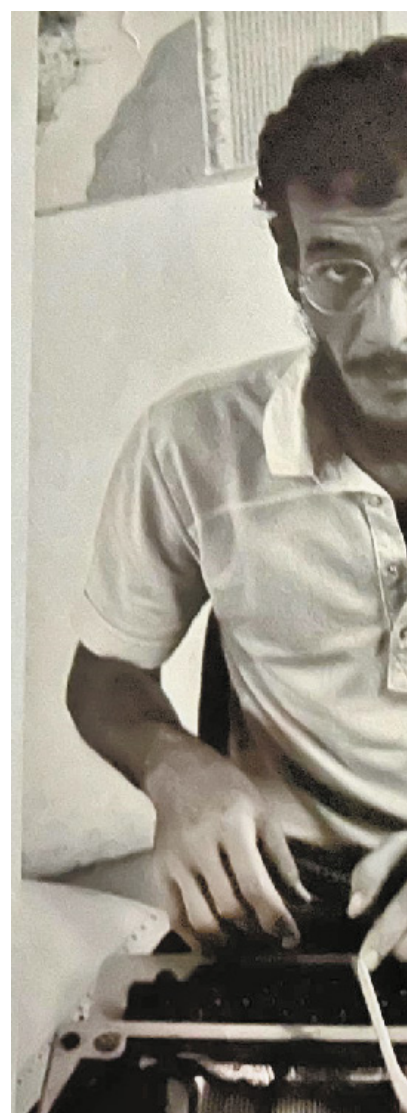
JC - Qual é o número exato de livros que você escreveu? Todos falam em mais de 40 sem precisar o número exatamente.

Cazarré - Eu mesmo tenho dúvida. São 48 ou 49. Mas por quê? Porque eu não sei se o *Simeão Boa Morte*, que teve uma edição no Brasil e outra em Portugal deve ser contado como um só. Inclusive porque na edição brasileira há dois contos que não estão na portuguesa e naquela há um conto que não está na brasileira. Estou esperando o pronunciamento de um amigo especialista em bibliografia.

JC - Moras em Brasília deste 1977, quando tinhas 24 anos. Hoje, estás com 72. Como foi essa passagem de Pelotas

para Brasília?

Cazarré - Comecei a trabalhar em jornalismo em Pelotas, em 1975, quando fui contratado como operador de *telex* da sucursal da Caldas Júnior. Em 1976, passando por cima de Porto Alegre, me fui para a sucursal da Caldas em Floripa. E fazia também muitos frilas para O Estado. Lá, por um ano e meio, trabalhava de segunda a segunda, sem folga. Quando resolvi subir a pirâmide, no final de 1977, havia três cidades onde a profissão era melhor remunerada: São Paulo, Rio e Brasília. São Paulo era grande demais e o Rio estava deixando de ser, pela violência, maravilhoso. Optei então por Brasília, que era ainda uma cidade pacata e pequena. Como em Floripa, também trabalhava feito um condenado, de dia e de noite. Fui redator do Jornal de Brasília por cinco anos enquanto, de dia, trabalhava numa assessoria de imprensa do Nahum Sirotsky. A literatura era feita nos finais de semana e nas madrugadas insones. Gosto muito de Brasília. É uma cidade que tem um bom clima (para quem consegue suportar uns dois meses de seca). Uma amiga espanhola diz que, em Brasília, vive-se uma eterna primavera. O trânsito daqui, imaginado pelo genial Lúcio Costa, é muitíssi-



Cazarré na redação do Jornal de Brasília

da'

mo bom quando comparado ao de outras capitais brasileira. E a violência, acho, ainda é menor.

JC - Como é o teu expediente literário? Que horas gostas mais de escrever? Quantas horas dedicas por dia de produção?

Cazarré - Durante muitos anos, me retorcendo entre dois ou três empregos, escrevia quando dava. Ou seja, nas madrugadas e nos finais de semana. Mais tarde, no final dos anos 1980, conseguia escrever só pela manhã: quatro ou cinco horas. Hoje, enfrento dois expedientes, de duas horas cada: uma pela manhã e outra pela tarde.

JC - Próximos passos: já tens novos livros encaminhados?

Cazarré - Tenho sempre vários trabalhos em andamento. De repente, entro num deles e vou até o fim. Se não conseguir ir até o final, passo a outro. Há livros que escrevi em sete, dez anos. Nos últimos anos venho beliscando, inclusive, até mesmo na poesia. *Simeão Boa Morte* tem como subtítulo: *E outros contos poéticos*. Mas, de vez em quando, reviso livros que escrevi há 20 ou 30 anos. Eu sou o patrão mais bruto que tive em toda vida. Ele (eu, meu feitor) me força a trabalhar mesmo nos sábados, domingos e feriados.

ACERVO PESSOAL LOURENÇO CAZARRÉ/REPRODUÇÃO/JC



a, em registro fotográfico de 1981



BIBLIOTHECA PELOTENSE/DIVULGAÇÃO/JC

Bibliotheca Pelotense, marco arquitetônico de Pelotas, é um símbolo da sólida tradição literária do município

Atenas Riograndense

Escritores de vulto vindos de Pelotas não nos faltam. O mais conhecido é João Simões Lopes Neto (1865-1916), contista e jornalista. Outro com fama é o poeta Francisco Lobo da Costa, expoente do romantismo gaúcho no Rio Grande do Sul. E, é claro, outros tantos autores de ficção merecem atenção. Aldyr Garcia Schlee, Valter Sobreiro Junior, Vitor Ramil, Alcy Cheuiche e Angélica Freitas são apenas alguns deles.

Segundo Ayrton Centeno, 77 anos, jornalista, escritor e estudioso da cultura pelotense, a cidade ganhou o nome de Atenas Riograndense por valorizar literatura, bibliotecas, jornalismo, teatro, universidades e fomentar a máxima de que a arte precisa ser popular, como acontecia na Grécia antiga. Na verdade, a Atenas Riograndense se estende, com naturalidade, para um pouco além das fronteiras pelotenses. Schlee é de Jaguarão; Sobreiro, de Rio Grande. Os dois últimos, mais o Vitor e um tanto a Angélica, construíram sua obra em Pelotas, enquanto os demais exploraram outros ambientes.

Para Centeno, o grande nome é Schlee (1934-2018), um daqueles talentos múltiplos renascentistas: jornalista, professor de Direito Internacional Público na UFPel, pró-reitor, designer que desenhou a camiseta canarinho da Seleção Brasileira de futebol, criador de jornais, dicionarista, tradutor, chargista. Publicou mais de 15 livros, tendo como seu universo literário, principalmente, a fronteira do Rio Grande com o Uruguai.

Valter Sobreiro Junior, 84 anos, construiu sua obra em Pelotas como cenógrafo, dramaturgo



GUSTAVO VARA / DIVULGAÇÃO / JC

Nome máximo das letras pelotenses, João Simões Lopes Neto virou estátua

e diretor. Por sua vez, Vitor Ramil talvez seja o nome mais respeitado nacionalmente da MPG, a música popular gaúcha. Em paralelo, desenvolve uma carreira literária, com ensaios e ficções.

Angélica Freitas, 52 anos, foi publicada (2006) primeiro na Argentina, em uma coletânea de jovens poetas. Alcy Cheuiche, 85, saiu de Pelotas aos quatro anos, seguindo para o Alegrete e depois para Porto Alegre, onde cursou veterinária na Ufrgs. Sua praia são os romances históricos, como *Sepé Tiaraju*, *Romance dos Sete Povos das Missões*. Também lançou *O Mestiço de São Borja*, *Ana Sem Terra*, onde aborda a questão agrária, e *Nos céus de Paris* - romance da vida de Santos Dumont.

No campo da não-ficção, Centeno propõe a lembrança de mais dois nomes que passaram a escrever livros a partir do jornalismo. Klécio Santos, 57 anos, nasceu em Porto Alegre, mas teve em Pelotas sua formação, com passagem pelo Diário Popular, surgido em 1890 e

referência do jornalismo no Sul do Estado até encerrar suas atividades em 2024. O tema de Klécio é o patrimônio histórico, tão afinado com a herança cultural da cidade.

O próprio Ayrton Centeno merece ser citado e lido. Começou com as biografias do poeta simbolista Alceu Wamosy e de Henrique Roessler, fundador da União Protetora da Natureza (UPN), primeira ONG ambientalista do Brasil. Sempre repórter, encarou o livro como uma plataforma para grandes reportagens. Foi assim com *Os Vencedores*, calhamaço de 850 páginas onde enfileira perfis e transita pela resistência armada ou desarmada contra a ditadura militar (1964-1985) e, nos anos 2000, a vitória e a chegada ao poder daquela mesma geração. Outro destaque é *Em Primeira Terra*, onde o tema é a reforma agrária. Ao lado de outros pelotenses, também participou de quatro volumes sobre a história recente da cidade, o último deles o *Almanário de Pelotas*, que mistura almanaque e calendário.

Academia e Centro Literário

A Academia Pelotense de Letras tem 40 acadêmicos titulares e 20 honorários. Foi fundada em 1999. O último a entrar foi o professor do curso de direito da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), o magistrado Marcelo Malizia Cabral. Conforme o presidente da Academia, professor Moacir Cardoso Elias, Cabral recebeu a honraria em reconhecimento à sua significativa contribuição às letras e à cultura de Pelotas.

Ele diz que o seu grande objetivo é fomentar a produção literária e cultural, valorizando a escrita e a ação cultural. "Pelotas é um centro de criação e, assim, vamos crescendo, revelando verdadeiros gênios da escrita".

Outro destaque da vida cultural da cidade é o Centro Literário Pelotense - Clipe. Os objetivos básicos da entidade são divulgar e ampliar a leitura de livros, poemas, prosas, quadras e contos de todos os escritores da cidade. Marca presença na Feira do Livro de Pelotas, um dos marcos culturais do município, e organiza periodicamente Saraus do Clipe, além da Ciranda Poética. Fundado em 31 de outubro de 1987, o Clipe celebrou em 2025 o seu 38º aniversário, consolidado como fomentador e guardião do espírito literário da Atenas Riograndense.



Eugenio Bortolon, 73 anos, jornalista ainda atuante. Ex-Correio do Povo, Zero Hora, Correio Braziliense, Rádio Gaúcha, Rádio Guaíba, freelancer no O Globo, Estado de Minas, Jornal de Brasília, Placar, Manchete Esportiva, Grupo Bloch, Atualmente é colaborador do site Brasil de Fato e da Rede Estação Democracia (RED).

nas telas



Longa-metragem *Living the Land*, de Huo Meng, levou Urso de Prata em Berlim

Vivendo em uma China em transformação

Em 1991, na China rural, enquanto os moradores migram para as cidades em busca de melhores oportunidades, Chuang, de 10 anos, permanece em sua cidade natal, enfrentando os desafios da vida em um período de profundas transformações nacionais. Esta é a premissa de *Living The Land*, segundo longa-metragem do cineasta chinês Huo Meng, que chega aos cinemas nacionais. O filme teve sua *première* mundial na competição principal do 75º Festival Internacional de

Cinema de Berlim, onde ganhou o Urso de Prata de Melhor Diretor. “Eu queria retratar como, quando políticas sociais coletivistas colidiram com tradições moldadas ao longo de milênios, as pessoas foram forçadas a se adaptar de maneiras que desafiaram seu próprio modo de vida”, avalia o cineasta. “Também senti que era importante retratar as imensas pressões que as mulheres enfrentaram – tanto social quanto fisicamente – que deixaram danos duradouros e irreversíveis.”

Um esforço ritual para segurar o céu

A partir do poderoso testemunho do xamã e líder Yanomami Davi Kopenawa, o filme *A Queda do Céu*, de Eryk Rocha e Gabriela Carneiro da Cunha, acompanha o importante ritual Reahu, que mobiliza a comunidade de Watorik num esforço coletivo para segurar o céu. O filme faz uma contundente crítica xamânica sobre aqueles chamados por Davi de ‘povo da

mercadoria’, assim como sobre o garimpo ilegal e a mistura mortal de epidemias trazidas por forasteiros, que os Yanomami chamam de epidemias xawara. Além disso, o documentário traz em primeiro plano a beleza da cosmologia Yanomami, dos espíritos xapiri e sua força geopolítica, convidando o espectador a sonhar além das suas formas conhecidas de viver.

Luta contra a burocracia na antiga URSS

Filme que competiu pela Palma de Ouro no Festival de Cannes, *Dois Procuradores*, de Sergei Loznitsa, foi baseado no romance homônimo de Georgy Demidov, físico que passou 14 anos de sua vida em campos de concentração da União Soviética. O longa se passa na URSS de 1937, em plena Era Stalin, quando milhares de cartas de detentos acusados de

traição pelo regime são queimadas. Mas uma delas chega ao destino esperado: a mesa de Alexander Korniyev, recém-nomeado promotor local. Korniyev, que é um bolchevique dedicado e íntegro, faz o possível para encontrar o prisioneiro que a enviou, e desconfia que algo está errado devido à infinita burocracia que enfrenta em seu caminho.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

| | | | | | | | | | | |
|--|----------------------------------|-------------------------|---|--|---------------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|------------------------------------|---|--|
| Técnica de sucção de gordura corporal (pop.) | | | Regulagem dos pneus do carro | | | | (?) contínuo: sem interrupção | | O "timing" que cada indivíduo tem para agir | |
| O Pai da Medicina | Fora da disputa (francês) | Matriculados (em curso) | Divisões de pastos feitas com arame farpado | | Ralph Lauren, estilista | | | | | |
| Nome genérico dos macacos | | | | | | | | | | |
| | | | Proteção de cabeça do guerreiro medieval | | | | | (?) Nascente, comunidade do DF | | |
| "Risos", na web | | | | | Horatio Nelson, almirante inglês | Estanho (símbolo) | | | | |
| Esculachados (gir.) | | | Matéria viscosa do quiabo | | | Prazer do filantropo | | | | |
| | | | | | | | | | | |
| "O Avesso das (?)", livro de Drummond | | | Cabana de pousadas | | | | | | | |
| | | | Filho, em inglês | | | | | | | |
| | | | | | Categoria de estreia no automobilismo | | | " (?) que Cola", humorístico da TV | | |
| | | | Símbolo usado em marcos rodoviários | | | Enxerga | | | | |
| | | | Caça da RAF, decisivo na 2ª Guerra | | | O país de Santiago Peña | | | | |
| "Ser", em "ontologia" | | | | | | (?) de sebo, brincadeira junina | | | | |
| Envoltório do marisco | | | | | | | | | | |
| | | | Ecoa; retumba | | Pátria de Abraão | (?) fryer, a fritadeira elétrica | | | | |
| | | | (?) livre, trecho sem apoio em pontes | | | | | | | |
| Provável candidato à adoção (jur.) | | Derramar; entornar | | | | | | (?)1, portal de notícias da Globo | | |
| | | O vício do tabagista | | | | | | | | |
| | | | Marcador do jogador de bilhar | | Língua banta falada na África do Sul | | | | | |
| | | | Fator que evita a atrofia do músculo | | | Instalação militar | | | | |
| | | | | | | Arma, em inglês | | | | |
| Marina Lago situado na Sibéria | Silva, ministra do Meio Ambiente | | Resposta afirmativa | | | | | Vitamina abundante no chá verde | | |
| Estudo interpretativo das leis | | | Livrou da doença | | | | | | | |
| | | | | | | Assim, em espanhol | | | | |
| | | | | | | | | | | |

BANCO. 3/asi — gun — son. 6/baikal. 9/hurricane. 12/hors-concours. 14

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br





Acesse nosso site!

COQUETEL

 @coquetel  /editoriaCoquetel

| Solução | | | | | | | | | | | | |
|---------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|--|--|
| A | C | I | I | U | E | N | M | R | E | H | | |
| I | S | V | T | V | K | I | V | B | | | | |
| C | U | O | U | C | | S | W | | | | | |
| N | U | G | Z | I | G | | U | S | O | | | |
| E | S | V | B | R | | O | V | F | R | O | | |
| G | R | E | T | R | E | V | | U | | | | |
| R | I | V | R | U | | S | O | V | | | | |
| A | P | V | H | C | N | O | C | | | | | |
| E | V | | M | K | | O | I | N | O | | | |
| D | R | E | S | V | S | I | O | C | | | | |
| O | T | V | G | N | V | B | R | C | | | | |
| S | O | D | V | H | C | V | R | C | S | E | | |
| N | S | B | R | B | S | R | | | | | | |
| E | O | M | T | E | | O | N | O | W | | | |
| S | E | I | V | R | C | O | P | I | H | | | |
| | V | C | | | | | | | | | | |

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado


**Áries:** O excesso de confiança junto aos amigos ou familiares pode causar problemas. Você tende a impor caprichos e pequenas vontades, além do que seria adequado.


**Touro:** Você precisa administrar as grandes energias que tendem a impulsioná-lo no trabalho. Tenderá a querer efetivar suas conquistas, mesmo que passando do ponto e da medida.


**Gêmeos:** Os excessos estão presentes na lida com dinheiro e na tentativa de impor sua visão de mundo sobre os outros. Você não pode tudo com seus valores, por melhores que sejam.


**Câncer:** As negociações e acordos que envolvam dinheiro e posses talvez não se concluam de bom grado. A tendência maior é de divergência e conflito entre as partes.

**Leão:** Por mais intensos que sejam os sentimentos, as circunstâncias práticas podem afastá-lo da pessoa amada. Mas pode ser necessária mesmo uma transformação da relação.


**Virgem:** Acentuada arrogância e gestos exagerados, com as pessoas mais próximas. O forte desejo por algum prazer pessoal pode desviá-lo de compromissos.


**Libra:** Vontade de ser criativo e fazer somente o que você quer no trabalho. O excesso de confiança leva a cometer exageros nesse sentido. Procure encontrar a boa medida.

**Escorpião:** A impaciência ao se comunicar prejudica as relações familiares e com pessoas queridas. É preciso respeitar o tempo do outro, e ter a paciência de criar os ajustes necessários.

**Sagitário:** Momento de tensão interior e dificuldade para dirigir sua energia emocional de forma positiva. O ciúme pode predominar, tingindo tudo de forte e desnecessária insegurança.

**Capricórnio:** A preocupação com dinheiro e posses materiais tende a ser muito grande, levando-o a tomar decisão precipitada e exagerada. As ações empreendedoras estão desfavorecidas.

**Aquário:** As tensões emocionais tendem a se confundir com algum mal estar físico. A falta de autoconfiança é um problema, mas hoje o excesso de confiança pode ser ainda pior.

**Peixes:** Você se sente distante demais das pessoas queridas e tende a por em crise as relações afetivas. Mas, por outro lado, pode ser mesmo bem oportuno purgar essas relações.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

O Brasil pode ser produtivo e rico?

Neste ano de eleições, o lançamento da obra mais recente de Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda (1988-1990), intitulada *O Brasil ainda pode ser um país rico?* (Matrix, 373 pp., R\$ 69,00) sem dúvida é oportuno. Mailson é um dos principais economistas brasileiros, sócio da Tendências Consultoria, colunista da *Veja* e professor e conselheiro de administração de várias empresas brasileiras. Aos 83 anos, ele passa sua experiência na área pública, acadêmica e empresarial para que o Brasil possa reencontrar o rumo do crescimento sustentável e finalmente deixar de ser a eterna “pátria da semana que vem”, o eterno “país do futuro”.

Nas primeiras partes da obra, o autor conduz os leitores para uma jornada de conhecimento, análise e reflexão, desde a Antiguidade, percorrendo a história econômica mundial, mostrando a Revolução Indus-

trial, a ascensão da China e a estagnação latino-americana. Nos capítulos finais, o autor dedicou-se a analisar o Brasil. Nóbrega revela que prosperaram os países que combinaram estabilidade institucional, meritocracia, inovação e eficiência.

O autor ainda aponta para a necessidade de modernização do PT e de uma esquerda que esteja afinada com a realidade do século XXI. Ele entende que os juízes devem compreender melhor, com suas decisões, a economia e os impactos sociais, e defende medidas para elevar a produtividade, que constitui o principal fator de geração de riqueza de um país.

Nóbrega identifica as causas do baixo crescimento, examina as questões fiscais e reflete sobre a baixa eficiência de nosso país, falando de questões educacionais e apontando soluções.

Segundo ele, o Brasil precisa encarar o desafio do declínio populacional e suas implica-



ções para o mercado de trabalho e devemos enfrentar a fragilidade fiscal. Mailson da Nóbrega entende também que o futuro brasileiro depende de uma profunda revisão de estrutura, de políticas que incentivem o investimento e a inovação e de uma infraestrutura capaz de gerar riqueza de modo duradouro.

e palavras

O PRIMEIRO RELÓGIO

Hoje completo 72 anos. Às vezes acho que estou com oito, outros dias com 34, e tem momentos que visto o traje preto solene do septuagenário, que hoje em dia pode ser uma roupa moderna e colorida. Os novos velhos da atualidade presentificada podem ter novas ideias, novos planos, se “reinventar”, ter curiosidade e bom humor, que é o que tornam as pessoas melhores.

Como escreveu Mario Quintana, o tempo é só um ponto de vista dos relógios. Na memória, que é onde as coisas acontecem muitas vezes, certas primeiras experiências são inesquecíveis. O primeiro beijo na boca, o primeiro orgasmo, o primeiro sutiã, o primeiro Chicabom, a primeira professora marcante, o primeiro pé na bunda, a primeira morte de um familiar, o primeiro olhar para o mar, a primeira cereja fresca e o primeiro relógio ficam na memória, especialmente na memória remota dos que, como eu, estão no modo NOLT: *New Older Living Trend*, ou Nova Tendência de Viver a Maturidade, para você que não fala inglês.

Quando eu tinha nove anos, queria um relógio de pulso. Meus pais me disseram que me dariam quando eu fizesse dez. Só que apesar dos apenas nove, determinaram que eu fosse crismado. Meio cedo para a confirmação como católico, eu que fui batizado bebê e fiz a Primeira Comunhão com sete. Não fugi do óleo perfumado e do tapinha na testa, praticado pelo Bispo para que eu recebesse os dons do Espírito Santo, me tornando um cristão adulto e um soldado de Cristo.

Meus pais tiveram a ótima ideia de me pedir para

convidar o Dr. Elias Japur e sua jovem noiva, Rosa Maria Baldissera, para padrinhos. Conte para algumas pessoas próximas que eu queria um relógio de presente de Crisma. Sem contar para ninguém, fiz uma promessa para ganhar o relógio. Prometi ir todos os dias na Matriz de Bento Gonçalves e rezar dez Ave-Marias. Cumpri religiosamente. Não sei se alguém contou para meu padrinho o desejo do relógio.

No dia da Crisma, o padrinho foi lá em casa pilotando um flamante Aero-Willys e me levou para a Matriz. Depois do tapinha do Bispo e antes de passar na casa da minha madrinha, que surgiu linda e elegante vestindo um *tailleur* rosa, ele me entregou uma caixinha retangular, da lendaria Joalheria Gehlen e, quando abri, estava lá o relógio Diorex, com 17 rubis. A promessa tinha dado certo ou alguém tinha contado para o padrinho que eu queria muito o relógio. Nunca quis descobrir isso. Na vida a gente não deve saber tudo. Usei o relógio por muitos anos. Ainda o guardo com carinho. O primeiro relógio, que ganhei antes da hora, resiste ao tempo e ainda vive na minha memória de idoso. Ele está parado - preciso mandar consertá-lo. O tempo dos nove anos aquela manhã de abril parecem guardados ali. Não preciso dar corda no relógio para recordar. O presente vai ficar comigo para sempre.

Hoje não uso mais relógio de pulso. Consulto o horário no celular. Não uso esses cebolões caros porque tenho medo de sofrer mais um assalto, e que os fiscais da Receita pensem que eu tenha grana.

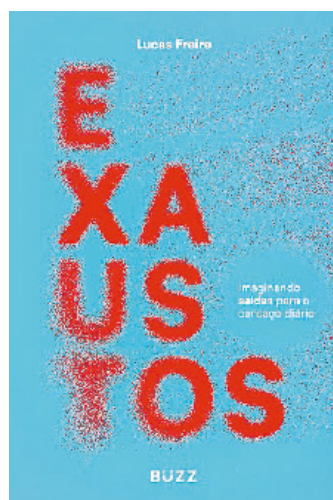
a propósito

Pensando bem, nem sei se vou mandar consertar o relógio do meu padrinho - que hoje vive na minha memória. Melhor deixar seus ponteiros quietinhos, aí eles não ficam costurando o tempo e revelando que a arte e a memória são longas, mas a vida é breve. O relógio me olha fixo, como se dissesse que as coisas mais importantes da existência são os desejos e

sonhos infantis, e que ele está quase que totalmente inteiro, como seu dono, ao contrário dos relógios derretidos do Salvador Dali. Meu relógio persiste, sem pressa e sem dar a mínima para a velocidade enlouquecida de nossos dias. Nele mora o tempo de sempre, despacito.

(Jaime Cimenti)

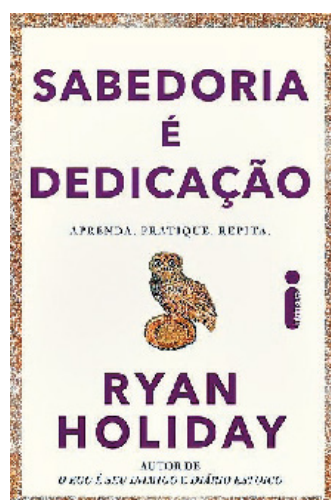
Lançamentos



► **Exaustos** (Buzz Editora, 208 pp.) de Lucas Freire. O psicólogo do trabalho, professor e palestrante, autor de *Playfulness: trilhas para uma vida resiliente e criativa!* e do livro infantil *O leão da bochecha de balão*, imagina saídas para cansaço diário, hiperprodutividade, controle e vigilância emocional, e traz um olhar sobre a nossa relação com os algoritmos e as métricas que controlam o tempo e nossa atenção.



► **Canção de ninar** (Planeta, 192 pp., R\$ 56,90), da escritora franco-marroquina Leila Slimani. Romance vencedor do Prêmio Goncourt, traz Myriam, mãe de duas crianças pequenas, que decide retomar à advocacia. O marido é contra. Contratam uma babá perfeita, eficiente, discreta e disponível. Se cria uma dependência exagerada e problemas sérios surgem. O livro será adaptado para o HBO, com Nicole Kidman.



► **Sabedoria é dedicação - aprenda, pratique, repita** (Intrinseca, 336 pp., R\$ 62,90) de Ryan Holiday, renomado escritor e palestrante, autor de *O Ego é seu inimigo* e *Diário estoico*. O livro ensina que sabedoria requer trabalho árduo, disciplina, ouvir mais e falar menos, e cita uso de leitura, autodidatismo e experiência, além de curiosidade e prudência. No final, conquistar a sabedoria vale a pena.

pensando cultura

Do curta-metragem rumo ao Oscar

Adriana Lampert

Em meio à temporada de premiações no Cinema, a plataforma Porta Curtas (dedicada à exibição e catalogação de curtas-metragens brasileiros) disponibilizou uma coleção que reúne 14 obras com a participação de artistas que integram o elenco do longa-metragem nacional *O agente secreto*. Indicada ao Oscar 2026 nas categorias de Melhor Filme, Melhor Ator, Melhor Filme Estrangeiro e Melhor Elenco, a obra dirigida por Kleber Mendonça Filho conta com nomes como Alice Carvalho, Hermila Guedes e Roney Villela, entre outros atores, que – assim como Wagner Moura – começaram suas carreiras participando de curtas-metragens. Inspirada nisso, a iniciativa intitulada *Dos curtas ao Oscar* propõe um mapeamento da formação técnica e artística do elenco do filme em produções de curta duração no Brasil, buscando se conectar ao estágio atual de visibilidade internacional e reafirmar o formato como espaço central para o desenvolvimento de atores, atrizes e cineastas dentro do cinema brasileiro.

“Nessa mostra especial estão reunidos filmes com a participação de Wagner Moura (*Desejo*, *Radio Gogó*, *Blackout*), Alice Carvalho (*Vai melhorar*), Isabel Zuãa (*Estamos todos na sarjeta*), Hermila Guedes (*Carnaval inesquecível*, *Copo de leite*, *Entre paredes*), Geane Albuquerque (*De terça pra quarta*, *A festa e os cães*, *Charizard*), Roney Villela (*Quando morremos à noite*), além de Carlos Francisco (*Nada*

e Luciano Chirolli (*Ato II Cena 5*”, descreve o coordenador da plataforma de exibição, Kim Queiroz. Segundo ele, *Dos curtas ao Oscar* foi estruturada após a passagem do longa de Kleber Mendonça Filho pelo Festival de Cannes. Inicialmente focada na trajetória de Wagner Moura – presente em três títulos selecionados –, a curadoria foi expandida para incluir o restante do elenco do filme.

Queiroz pontua que a coleção permite observar o desempenho dos atores em gêneros e contextos diversos, muitas vezes desconhecidos pelo público dos circuitos comerciais. “O curta-metragem é um formato que funciona como um espaço de revelação de talentos e experimentação estética que precede o sucesso nos longas-metragens. O aspecto mais interessante desta mostra é ver estes atores atuando em histórias distintas (comédia, suspense, entre outros) – que aqueles que os conhecem só pela telona não imaginam que eles possam ter participado”, avalia. A coleção dialoga ainda com uma seleção dedicada aos primeiros cinco filmes de Kleber Mendonça Filho, também disponível no site Porta Curtas. Dentre os títulos do cineasta que integram a plataforma, o curta *Eletrodoméstica* (2005) e *Recife frio* (2009) antecipam elementos presentes em *O agente secreto*, como o regionalismo, a exploração urbana de Recife e o uso do humor aliado a questões sociais.

O coordenador da plataforma de exibição defende que a potência da história no cinema não depende da duração da

obra, mas da construção narrativa, permitindo que o espectador consuma cinema em intervalos curtos do cotidiano (aproveitando o tempo de uma viagem de ônibus ou na sala de espera de uma consulta médica, por exemplo). Ele emenda que, mesmo priorizando a presença dos artistas do elenco de *O agente secreto*, o processo de seleção dos filmes da mostra *Dos curtas ao Oscar* manteve o critério de qualidade técnica e relevância das obras em festivais de cinema no País. “A curadoria tem um olhar bem criterioso para o que nos propomos a disponibilizar na plataforma”, sublinha.

Queiroz afirma, ainda, que a operação do site Porta Curtas, iniciada em 2002 e anterior a plataformas populares como o YouTube, enfrenta hoje o desafio da concorrência com o consumo de mídias rápidas em redes sociais. De acordo com ele, a estratégia da plataforma para garantir o interesse do público é focar na valorização da linguagem cinematográfica, utilizando recortes de obras em redes como o Instagram para atrair novas audiências. Após o término do ciclo de patrocínio da Petrobras, que por muito tempo permitiu que o acesso ao Porta Curtas fosse gratuito, o site adotou um modelo de assinatura mensal de R\$ 6,90, além de parcerias de gratuidade para usuários da Claro TV+. Com um acervo diverso, atualmente, a plataforma reúne mais de 1 mil títulos disponíveis para exibição e cerca de 12 mil produções catalogadas, acessíveis por meio de um sistema de busca avançada.



Ativo há quase 25 anos e anterior ao YouTube, Porta Curtas apresenta coleção com filmes como *Desejo* (esq), *Blackout* (ao alto) e *Carnaval Inesquecível*, trazendo atores de *O Agente Secreto*